

CARTA DA EDITORA

Aos tradicionais temas da Antropologia, da Arqueologia e da Linguística juntam-se, nesta edição, contribuições da história, da economia, e das artes visuais como o cinema e a fotografia. Nesta edição, um primeiro conjunto de estudos dedicados à Arqueologia traz contribuições da Amazônia e do Sul do continente incluindo Brasil e Argentina, além de investigação realizada no México. São três artigos e uma nota de pesquisa.

Interações sociais de produtores de cerâmica Santarém e Konduri é o que sugere Marcony Alves em “Para além de Santarém: os vasos de gargalo na bacia do rio Trombetas”. A análise de itens de coleções de ambas cerâmicas reforça sugestões prévias de compartilhamento dos vasos de gargalo. Alves identificou atributos diagnósticos de vasos de gargalo, típicos da cerâmica Santarém, em peças representativas da cerâmica Konduri.

O poder simbólico das contas de vidro para mulheres da América do Norte sob domínio espanhol é o que trata Andreia Torres que analisou material encontrado no Convento da Encarnação na Cidade do México. A autora de “As mulheres novo-hispanas do Convento da Encarnação (Cidade do México) por meio das suas contas de vidro” mostra como as contas contribuíram para a construção de corpos femininos do século XVI ao início do XX.

De Milena Acha, “Os processos da paisagem pastoril: caracterizando lugar e movimento” mostra como a paisagem inscrita por pastores estabelece significados, revela estratégias de mobilidade e define espaço de memória em zona de atividade produtiva no Vale de Santa Maria, no nordeste Argentino.

Em nota de pesquisa, grupo de Santa Catarina relata ocorrência de pinturas rupestres em gruta que abriga sambaquique, após investigação mais detalhada, pode se constituir em um primeiro registro dessa natureza no estado. Dione Bandeira é a primeira autora de “Resultados preliminares da pesquisa no sambaqui sob rocha Casa de Pedra, São Francisco do Sul, Santa Catarina, Brasil”.

Saúde indígena e festas de santo em comunidade quilombola no Marajó são os temas das contribuições da Antropologia neste número. A contradição e a desatenção marcam as ações do Estado brasileiro no trato da questão indígena no artigo “A cosmografia Munduruku em movimento: saúde, território e estratégias de sobrevivência na Amazônia Brasileira”. Tendo como primeiro autor Daniel Scopel, o estudo discute a relação entre ambiente e saúde entre os Mundurukue revela que, enquanto a etnia trata dos dois de forma integrada com reflexos diretos no corpo de cada indivíduo, as políticas públicas investem recursos consideráveis na atenção à saúde, mas deixam que agridam o território indígena.

Território e dádiva no contexto de festas de santo são elementos centrais para entender como se forjam alianças políticas entre comunidades quilombolas no Marajó. Etnografia de autoria coletiva, tendo como primeiro autor Petrônio Medeiros Lima Filho, “Festas de Santo, Território e Alianças Políticas entre Comunidades Quilombolas de

Salvaterra - Marajó - Pará - Brasil", demonstra como eventos religiosos-profanos dão sentido de pertença fundamental para fazer valer direitos territoriais.

No bloco final de artigos, ciclos econômicos e meio ambiente, fotografia, cinema e termos de cortesia do Japão antigo completam a edição em interessantes abordagens históricas.

História da economia extrativista a partir das observações de naturalistas viajantes é o que apresenta Carlos Valério Gomes. Mesmo com objetivos distintos de uma apreciação da economia regional já que estavam empenhados em coletar material, viajantes deixaram relatos das mudanças na economia regional do tempo das drogas do sertão. Esse é o argumento de "Ciclos econômicos do extrativismo na Amazônia na visão dos viajantes naturalistas".

Artigo de Marcelo Mahl reflete sobre as relações entre sociedade e ambiente no contexto da expansão econômica paulista, capítulo da história ambiental brasileira presente em "Pioneiros e fazendeiros de São Paulo", obra do geógrafo francês Pierre Monbeig.

A fotografia foi usada a serviço de uma desejada integração do Centro-Oeste ao país. É o que demonstram os autores de "O incentivo à pesca comercial de Arapaima gigas (pirarucu) do rio Araguaia (Brasil central) na revista 'A Informação Goyana' (1917-1935)", que tem como primeiro autor André Vasques Vital. Eles analisaram registro fotográfico dos peixes dos rios de Goiás em revista local do início do século XX em campanha para atrair a indústria e promover o desenvolvimento econômico do Estado.

Paisagem amazônica presente na estética do Cinema Novo de Glauber Rocha dá corpo à incursão de Werner Herzog que filmou na região nos anos 1970. Renan Reis, em "O sertão virou rio e o rio virou sertão: um cineasta alemão e o Cinema Novo brasileiro", argumenta por uma inscrição cinemanovistaglauberiana na obra do cineasta alemão.

Representante da linguística histórica, estudo revela como se definiu o Princípio da Cortesia do japonês usado ainda hoje. Dois tratados do século XVII - a gramática 'grande' (1604-1608), do jesuíta João Rodrigues 'Tçuzu' [o intérprete] (1562-1633), e a gramática japonesa (1632) do dominicano Diego Collado (final do século XVI-1638) - serviram de base para a análise de Gonçalo Fernandes em "A primeira codificação gramatical da Cortesia do japonês (século XVII)". Naqueles trabalhos estava registrada a linguagem honorífica do japonês. Referência especial é feita para formas de tratamento dispensado ao gênero feminino.

Pelo terceiro ano consecutivo o *Boletim* passou a receber submissões online. Com 240 itens submetidos, o tempo médio de processamento é de 90 dias. A agilidade se une a mais segurança no controle de conteúdo inédito e à expansão das ações de divulgação com abertura de novos canais para atender à diversidade de públicos, que o *Boletim* vem ganhando, por exemplo, ao alcançar a marca de mil seguidores em seu perfil no Facebook. Por mais conhecimento e mais ciência disponível para todos.

Jimena Felipe Beltrão
Editora Científica